

COESÃO E COERÊNCIA NA PRODUÇÃO DO TEXTO ACADÊMICO
EM PORTUGUÊS LÍNGUA MATERNA E INGLÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

José Carlos P. de Almeida Filho
(UNICAMP)

1. Introdução

Algumas questões têm sido levantadas e pesquisas feitas sobre coesão e coerência na produção do texto escrito bem como sobre a sua interpretação. Há evidência, por exemplo, de que coesão é uma importante propriedade da qualidade de escrita e de que, a mera quantidade de laços coesivos seja indicadora de coerência textual (Witte e Faigley, 1980:195).

Essas observações, baseadas em número muito reduzido de dados fornecidos por escritores nativos do inglês sugerem que a escrita mais bem sucedida desses indivíduos procede de sua melhor capacidade de usar estratégias de pré-escrita que os auxiliam a estabelecer, expandir e hierarquizar sua idéias no texto. Não há contudo registros na matéria especializada publicada de como a coesão e a percepção de coerência são relacionadas em amostras mais amplas de textos produzidos pelo mesmo escrevente em duas línguas (a nativa e uma não-nativa). Esse tipo de investigação poderia (1) aprofundar a nossa compreensão da relação (ou não) entre coesão e coerência, e, (2) examinar como esses fenômenos textuais são afetados pela escolha de uma língua e não de outra. O tipo de relação seria evidenciado pelas correlações obtidas entre os tipos e subtipos de coesão (bem como sua direção e distância) e um índice de percepção de coerência nos textos. A comparação de coesão e coerência entre as línguas nativa e não-nativa permitiria uma estimativa da influência que a escolha da língua exerce na coesão e coerência.

Em última análise, portanto, esta pesquisa equivale à busca de sustentação para a idéia de que coesão é uma medida apropriada da habilidade de escrever.

Os resultados da análise dos dados em língua materna são comparados e contrastados com idêntica análise dos dados em língua não-materna. Se os diferentes graus de coerência a serem estabelecidas não podem ser correlacionados com (1) quantidade de laços coesivos, (2) tipos e subtipos selecionados de laços, (3) a distância entre os elementos do par coesivo, e (4) a direção do laço (para dentro ou para fora

do texto), então fica empiricamente justificado acreditar que a relação entre coesão e coerência é inexistente ou demasiado indireta para ser examinada através desse método de pesquisa. Se os autores dos textos são tidos como igualmente coerentes em ambas as línguas, há então fundamento para se crer que não são exatamente competências lingüísticas e comunicativas subdesenvolvidas que causam genericamente uma percepção de coerência mais baixa na segunda língua mas, possivelmente, uma pouco desenvolvida 'competência letrada' oriunda do grau de letramento do produtor de textos.

1.1. Coesão

O estudo da coesão está situado dentro do campo da análise do discurso e tem como expoentes teorizadores os nomes de Halliday e Hasan, principalmente em sua obra 'Cohesion in English' (1976). A preocupação inicial com a ligação entre pares de elementos (coesão) dentro e além da sentença se ampliou e essa ligação é vista hoje como uma manifestação específica de um conjunto de fenômenos de coerência nas línguas naturais (van Dijk, 1977:10).

Quando uma oração é escrita ela contém pistas potenciais capazes de ativar no leitor uma série de diferentes percepções de relações. Os conceitos se manifestam como proposições específicas as quais se ligam a outras e se desenvolvem a partir das proposições expressas anteriormente no texto. Os engates coesivos são recursos semânticos que conectam uma oração com elementos anteriores no texto (e às vezes também com o que os sucede no texto) contribuindo para que uma série de orações funcione como um texto ou peça de discurso, isto é, como uma unidade semântica. Cinco tipos de relações coesivas são identificadas por Halliday e Hasan (1976):

- (1) referenciais através dos pronomes pessoais, demonstrativos e o artigo indefinido;
- (2) conjuntivas através de conectivos aditivos, adversativos, temporais, causais e continuativos;
- (3) lexicais através do vocabulário escolhido;
- (4) elíticas através da interposição por parte do leitor de palavras apropriadas que estão implícitas no texto; e
- (5) substitutivas através da interposição por parte do escrevente de palavra que substitua outra co-referencial já apresentada.

Um dos propósitos desta pesquisa é o aprofundamento da análise de coesão até o nível de subtipos. Os três mais frequentes tipos de coesão (Fig. 1) a saber

lexical, referencial e conjuntiva, são aqui analisados em seus treze subtipos (5 lexicais, 3 referenciais e 5 conjuntivos). Os subtipos de substituições e elipsis, somando três cada (a saber nominal, verbal e frasal) não são considerados nesta pesquisa devido a sua presença apenas vestigial no corpus.

LEXICAL	REPETIÇÃO
	SINÔNIMO
	SUPERORDINADO
	GENÉRICO
	COLOCAÇÃO
REFERENCIAL	PESSOAL
	DEMONSTRATIVA
	COMPARATIVA
CONJUNTIVA	ADITIVA
	ADVERSATIVA
	CAUSAL
	TEMPORAL
	CONTINUATIVA

Fig. 1. Tipos frequentes de coesão e seus tipos.

1.2. Coerência

A qualidade ou 'sucesso' do discurso escrito não pode ser explicada unicamente pela coesão. Muitos outros fatores presentes fora do texto também contribuem para a percepção da qualidade textual. Estes fatores incluem o propósito do escritor, o meio discursivo, o conhecimento sobre os prováveis leitores, o conhecimento sobre o tópico tratado e o conhecimento sobre o gênero no qual o discurso vai ser composto. Essas condições variáveis do mundo real, interagindo com a coesão, permitem a obtenção de uma qualidade textual global ou coerência.

A teoria de Halliday e Hasan, por outro lado, não reserva lugar para fatores tais como esses do contexto da situação. Na sua taxonomia, a coerência parece se aproximar do conceito de 'registro', ou seja, um conjunto de traços lingüísticos que são tipicamente associados a uma configuração de elementos situacionais. Uma vez

que Halliday e Hasan desejavam se concentrar em coesão, e não em 'registro', a sua teorização de 'registro' não é desenvolvida.

Os elementos do contexto situacional receberam o tratamento mais elaborado na teoria de Hymes (1972) na sua publicação "Models of Interaction of Language and Social Settings". De acordo com Hymes, todo discurso é regido por um propósito, uma escolha de meio e gênero, a identidade de um público, um tópico e um cenário onde se dá o discurso. Hymes também enfatiza diferenças culturais no processamento seletivo e na transformação em 'éticos' daqueles elementos 'éticos'.

Vista como capacidade cognitiva, Charolle (1983) propõe que a coerência seja tomada não como um problema lingüístico típico e fundamental mas um problema que, sendo parcialmente lingüístico, deve ser tratado basicamente no terminal receptor uma vez que o ouvinte ou leitor pode perceber mais ou menos coerência numa peça de discurso. Nessa mesma linha, Schank and Sarnet (1984) afirmam que 'achar algo coerente não é uma questão de percebê-lo corretamente mas apenas de ser capaz de fazer algum sentido dele'. (p.81)

Assim, fica implícito que nem todos os textos cujo propósito seja conhecidamente o mesmo serão necessariamente percebidos como tendo a mesma qualidade global. Esses textos não serão provavelmente aceitos como sendo igualmente apropriados e satisfatórios. Porque a pressuposição é que os textos terão qualidade diversa, fica subentendido que eles não serão percebidos como igualmente coerentes. Resta saber se as várias configurações de coesão têm variação concomitante com a elevação ou decréscimo do nível de percepção de coerência dos textos e se a variação em coerência é concomitante nas duas línguas (materna e não-materna) em que um mesmo escritor compõe.

2. Método

2.1. Procedimentos de coleta de dados

A fim de investigar o problema indicado na seção anterior, os seguintes procedimentos foram adotados para a coleta de dados e análises: (1) delimitação de uma população de escritores como amostra para os propósitos da pesquisa; (2) coleta de composições, (3) operacionalização da análise de coesão; e (4) estabelecimento do nível de coerência desses textos.

2.1.1. Sujeitos

Uma tarefa escrita foi proposta a trinta e um escritores 'nativos' de português do Brasil selecionados aleatoriamente dentre os mais avançados estudantes universitários de inglês como língua estrangeira na Pontifícia Universidade Católica

de São Paulo. A razão da opção pelos alunos mais avançados de língua estrangeira (inglês) foi que assim procedendo se evitariam limitações lexicais e morfo-sintáticas de competências mais baixas e se poderia concentrar na coesão e coerência suprafrassais.

Dos 31 sujeitos que haviam concordado em participar da pesquisa, 7 não se apresentaram para a tarefa no dia e hora marcados. Assim, 24 escritores produziram dois textos cada um num total de 48 textos.

2.1.2. Tópicos

Dois tópicos foram propostos aos escritores em folhas impressas contendo toda a informação relevante para a tarefa. Cada folha continha descrições e instruções na língua em que o escritor deveria produzir as amostras de discurso. Tanto o tópico para ser desenvolvido na língua materna quanto o tópico para ser desenvolvido na língua estrangeira foram cuidadosamente selecionados para serem tarefas comparáveis nas suas exigências dos escritores. Os tópicos versaram sobre (1) 'a validade dos testes formais na aprendizagem de línguas' e (2) 'o valor das novas abordagens comunicativas de ensino e aprendizagem das línguas'. Estes foram selecionados do universo de temas com os quais os escritores estavam não somente familiarizados por experiência mas também através de discussões estruturadas na disciplina 'Prática de Ensino' que todos cursavam à época da coleta dos dados (junho de 1983).

2.1.3. Gênero do discurso

O gênero escolhido foi o do ensaio argumentativo acadêmico. Esse gênero é frequentemente exigido dos alunos em trabalhos de curso e exames ao longo dos anos acadêmicos. Esse pode ser também o gênero de ensaio solicitado num concurso para contratação de professores nas grandes escolas de maior prestígio.

2.1.4. Coleta

Os sujeitos foram instruídos a escrever os seus textos como se estivessem se dirigindo ao diretor pedagógico de uma prestigiosa instituição da cidade que estivesse à procura de professores para contratação.

Os escritores tiveram um máximo de 2 horas para completar suas duas tarefas sem delimitação específica para uma ou outra. Nenhum comprimento específico foi exigido para os textos em quaisquer das duas línguas.

Numa sala da Universidade previamente reservada, os vinte e quatro (24) sujeitos foram subdivididos em dois grupos de doze (12), de maneira que um grupo co-

meçasse a escrever na língua materna e o outro na língua não-nativa. Esperou-se com esse procedimento neutralizar o efeito-da-prática na composição do segundo texto.

2.2. Métodos da Análise

Os vinte e quatro textos produzidos na língua materna (português) foram lidos pelo menos duas vezes por um painel composto por três falantes nativos de português com educação universitária na cidade de São Paulo e nenhum deles falante do inglês. Os 24 textos escritos em inglês (língua não-nativa) foram igualmente lidos por três membros de um painel composto por norte-americanos falantes do inglês como língua materna, possuidores de educação universitária e residentes na cidade de Washington, D.C., E.U.A.

Aos juízes foi solicitado que emitissem uma avaliação de zero a cinco do nível de coerência com que percebiam cada texto. Para melhor orientar sua tarefa, alguns indicadores de coerência foram sugeridos em página impressa. Por exemplo, os leitores poderiam se basear no quão salientes eram os pontos levantados nos textos e no quão 'lógico' era o desenvolvimento das idéias. Nenhuma ênfase foi colocada nos erros sintáticos ou morfológicos.

Uma média resultou da soma e divisão das avaliações obtidas dos três juízes dos painéis. Essas médias serviram então como indicadores da coerência global de cada texto. Esses índices foram então correlacionados estatisticamente com todas as variáveis de coesão e comparadas nas duas línguas visando significação estatística.

Após a análise de coesão de todos os textos, os resultados foram compilados em dois conjuntos de dados de maneira que os procedimentos estatísticos pudessem ser efetuados. Esses incluíam medidas de tendência central (média, mediana e desvio-padrão), contagem de frequências, análise de variação (ANOVA) e regressão múltipla entre os resultados nas duas línguas além de correlações de Pearson seguidas de níveis de significação dos resultados.

3. Resultados

3.1. Coesão

O primeiro dado obtido na pesquisa foi o de que todos os tipos e subtipos de coesão descritos em seção anterior deste trabalho são utilizados nas amostras de discurso com a exceção da substituição em português. Esse fato não pode ser interpretado como significativo se considerarmos que a substituição foi usada apenas muito esporadicamente em inglês (2 laços no total). A elipse também é usada minimamente em ambas as línguas, cada uma exibindo não mais que dois ou três laços desse tipo.

Em termos comparativos, portanto, a substituição e a elipse formam juntas a menor proporção de laços por tipo. É fato de que os dois tipos se comportam de maneira tão semelhante só faz substanciar a afirmação de Halliday e Hasan (1976) de que aqueles dois tipos poderiam ser tratados teoricamente como uma única categoria de coesão, sendo a elipse apenas um caso de substituição por zero.

A razão pela qual a substituição e a elipse são tão raras na escrita expositiva formal pode ser encontrada no fato de que elas requerem a presença de referentes que estão apenas implícitos nos itens pressupostos. É bom lembrar que o par coesivo se constitui por um item que pressupõe e outro pressuposto, geralmente anafórico no texto. A coesão de tipo substitutivo-elíptica é mais frequentemente observada na linguagem falada (marcada por oralidade) onde o contexto situacional oferece uma rica rede de apoio para que a interpretação de referentes implícitos se opere.

Na escrita, e particularmente na escrita acadêmica formal, pode-se esperar uma marcação mais explícita de relação entre os elementos da corrente discursiva. Daí a escassez da coesão por substituição e elipse nos dados obtidos para esta pesquisa.

Outra questão de interesse na investigação era se o mesmo escritor emprega quantidades semelhantes de laços coesivos na língua materna e na outra língua que domina. Para responder a essa questão faz-se necessário usar o número médio de laços por Unidade-T em cada língua. Uma Unidade-T se define como uma oração independente seguida ou não por outras orações dependentes. A razão pela qual as médias têm de ser utilizadas se deve ao fato do comprimento dos textos ser variável obtendo-se assim quantidades de laços diferentes e não-comparáveis. Para o cálculo das médias foram usados os laços endofóricos e exofóricos separadamente. As porcentagens são reveladas na Fig. 1.

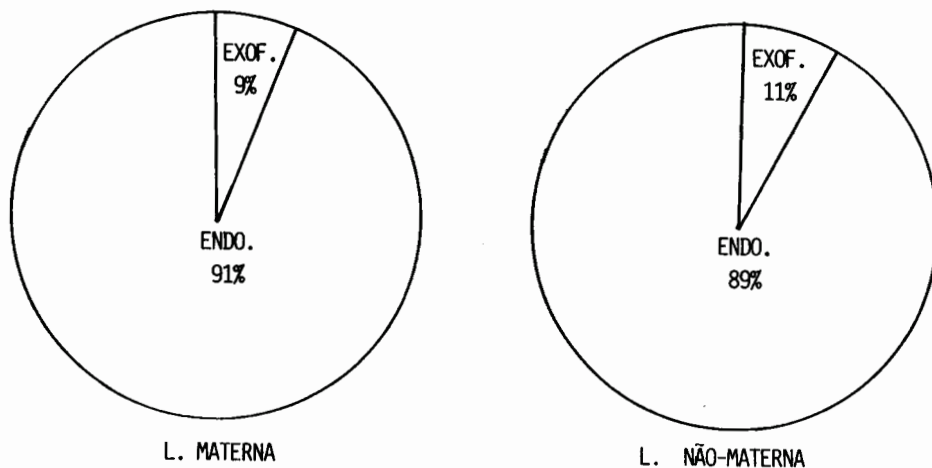


Fig. 1. Porcentagens de laços endofóricos e exofóricos.

Através da técnica estatística de análise de variação (ANOVA) foi obtida evidência para a hipótese de que mudar de língua não contribui para a variabilidade na direção dos laços (para dentro do texto (endófora) ou para fora do texto (exófora)). Por exemplo, não se deve esperar que escrever na língua materna resulte no uso de mais ou menos laços exofóricos. A ligação com o meio (escrito, em oposição ao oral) e com o gênero (acadêmico expositivo-argumentativo) é que vem afetar a direção dos laços de maneira consistente.

Antes de compararmos os tipos e subtipos de coesão propriamente ditos, há ainda a questão da distância entre os itens que pressupõem e os itens pressupostos nas duas línguas. Verificou-se que a diferença da distância só é significativa para os laços mediatos (isto é, aqueles cujos itens estão em Unidades-T não-contíguas). Uma observação relevante quanto aos laços foi a de que todas as Unidades-T do corpus encontram-se ligadas a uma outra por pelo menos um laço de coesão, com exceção apenas da primeira em cada texto. Esse fato nos fornece um contraste nítido com muitos casos de discurso falado coerente onde nenhum laço coesivo explícito pode ser encontrado.

Dentre os tipos e subtipos de coesão, embora as configurações sejam semelhantes nas duas línguas, a distribuição dos laços por tipos está longe de ser igual (vide fig. 2). Por exemplo, três quartos de todos os laços endofóricos em ambas as línguas são lexicais.

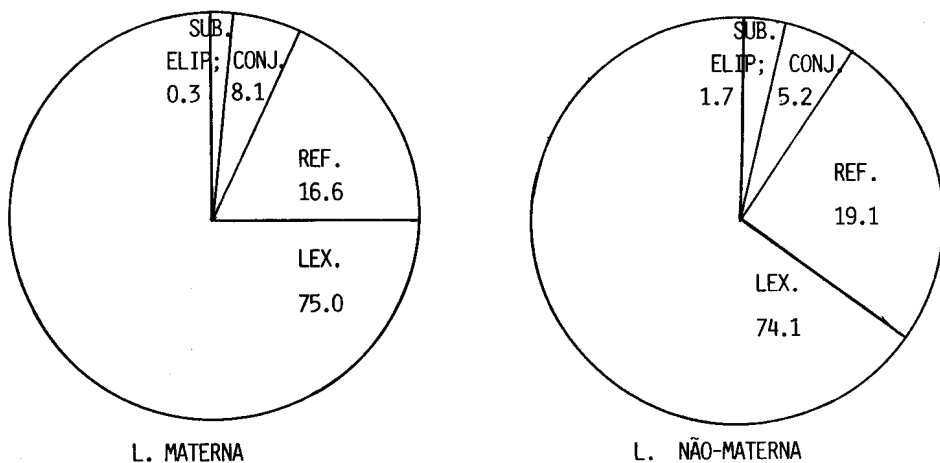


Fig. 2. Distribuição de laços por tipos

A análise de variação (ANOVA) revelou que apenas o tipo conjuntivo de coesão apresenta significativa diferença estatística entre as línguas.

No que se refere aos subtipos, trataremos dos lexicais, referenciais e conjuntivos nesse sequência.

Dois subtipos lexicais responderam positivamente ao teste de significação da variação. São eles a repetição e o sinônimo.

Da mesma maneira que o tipo lexical, o tipo referencial como um todo não revelou nenhuma significação em termos de variação entre as línguas. No entanto, um dos três subtipos tomados isoladamente, a saber o referencial demonstrativo, apontou significância através da técnica ANOVA.

Ao contrário dos outros dois tipos, os conjuntivos tomados globalmente mostraram ser significativamente diferentes quando as duas línguas foram comparadas. Ou por outra, quando tomadas isoladamente, nenhum subtipo se revelou estatisticamente relevante.

3.2. Coerência

Embora possa ser observado que a média de coerência seja levemente superior em português, esse resultado não é confirmado como sendo estatisticamente significativo (vide quadro 1).

Descrição	Português	Inglês
Coerência	3.40	3.09

Quadro 1. Médias de coerência nas línguas materna e não-materna

Os resultados estatísticos substanciam a hipótese de que o nível de coerência permanece estável quando o escritor passa da língua materna para a não-materna para compor textos em tarefas comparáveis. Uma interpretação que se sugere é que a coerência global é mais dependente do controle pessoal do conteúdo e sua sintonia adequada com os fatores situacionais presentes durante os atos de compor os textos. É claro que estamos supondo nesse caso dois sistemas linguísticos que sejam minimamente produtivos. Há indicações, por exemplo, de que indivíduos possuidores de uma proficiência linguística mais restrita na língua não-materna tendem a produzir textos percebidos como menos coerentes (c.f. Dahby, 1984).

3.3. Correlações entre coesão e coerência

Tendo sido efetuadas as correlações entre as duas línguas quanto à direção dos laços, distância entre os dois ítems do par coesivo, tipos e subtipos de coesão, os seguintes perfis puderam ser compostos através de procedimento de regressão múltipla:

Língua Materna (Português)

Maior > Exofóricos < Lexicais [$< \text{Rep} < \text{Sin}$]
Coerência < Conjuntivos
< Dist. Mediata

Língua Não-Materna (Inglês)

Maior > Exofóricos < ?Lexicais [$< \text{Rep} < ?\text{Sin}$]
Coerência < Dist. Mediata

Os sinais > e < representam 'menos' e 'mais' respectivamente. Um ponto de interrogação apostado ao sinal revela significância estatística limítrofe ou abaixo dos limites de significação (coeficientes de .70 e nível de significância de .05 pelo menos).

4. Discussão

Pode-se verificar pelos resultados que os laços exofóricos e endofóricos não tendem a aumentar em função da escolha da língua quando o mesmo escritor compõe em dois sistemas linguísticos. Os laços endofóricos são predominantemente realizados nos dados através do subtipo de coesão referencial pessoal. A exófora é um fenómeno que tem implicações para a diferenciação entre oralidade e letramento. A hipótese a ser retida é a de que os escritores que lancem mão de maior número de laços exofóricos no género escrito académico expositivo tenderão a ser percebidos como menos coerentes. O uso de exófora além de um mínimo e de um tipo específico revelará uma experiência restrita com as convenções da linguagem escrita e do género em questão.

Embora Halliday e Hasan (1976) não considerem os laços exofóricos como coesivos eles propõem de toda forma uma racionalização para o uso desses recursos no discurso. A sua proposta é que os laços exofóricos são característicos da fala infantil ou usuários de código restrito (na famosa classificação de Bernstein, 1964). Nenhuma dessas explicações encontra respaldo nesta pesquisa para dar conta do fato que ao aumento do número de laços exofóricos corresponde uma diminuição da percepção de coerência. Propõe-se, sim, que os indivíduos cuja oralidade seja predominante sobre o seu letramento tenderão a recorrer com maior frequência aos laços exofóricos na sua escrita acadêmica formal.

É preciso salientar, contudo, que nem todos os laços exofóricos são igualmente responsáveis por uma avaliação negativa de coerência. Dentro dos subtipos 'Referencial Pessoal' que abrange a maioria dos casos de laços exofóricos, o 'nós editorial' e as expressões puramente opinionadas como 'eu acho' e na 'minha opinião' atuam de maneira muito diferenciada na sua correlação com coerência. Enquanto o 'nós editorial' funciona com aceitação dentro das expectativas do meio comunicativo e do gênero, os outros frustram essas mesmas expectativas de forma global. Isso sucede devido ao fato que o gênero expositivo argumentativo evoca expectativas de letramento em leitores experientes que são frustradas pelo uso de traços de oralidade como os exofóricos 'eu', 'me' e 'na minha opinião'.

Assim, fica mais plausível a explicação da reduzida coerência dos escritos de adultos considerados em outros momentos da sua vida como perfeitamente maduros e integrados.

Excluindo-se os laços exofóricos, os resultados desta pesquisa não confirmam a conclusão de Witte e Faigley (1980) de que textos avaliados como mais aceitáveis são necessariamente mais densos em coesão (endofórica). Indicadores mais vigorosos de coerência nos dados obtidos são encontrados em outros fatores como a configuração dos tipos e subtipos de coesão, e na distância entre os termos pressuponente e pressuposto do par coesivo.

A coesão lexical constitui cerca de 2/3 de toda a coesão (endofórica) tanto nas amostras escritas em língua materna como nas escritas em língua não-materna. A seleção de vocábulos pelo escritor produz um campo de circuitos lexicais reais ou potenciais que parece ser crucial na (re) construção do significado no discurso escrito. Esse entrelaçamento de pares lexicais dentro do texto contribui de maneira decisiva para a criação de 'textura' (Halliday e Hasan, 1976) ou textualidade (de Beaugrande, 1981). A alta incidência de engates lexicais também revela outros travessamentos no processo da escrita. A consistência tópica, refletindo um nível mais profundo de conhecimento prévio do assunto sobre o qual se escreve (as atividades de pré-escrita), parece harmonizar com os resultados desta pesquisa. Ao proceder de maneira a tratar sólida e consistentemente o tópico em foco, a coesão lexical é estabelecida em múltiplos momentos durante a feitura do texto. Os laços assim criados não se restringem ao ambiente imediato de Unidades-T adjacentes mas remetem para trás a itens pressupostos separados dos pressuponentes por duas, três ou mais Unidades-T. Os

dados confirmar essa generalização ao confirmar que os laços lexicais mediatos apresentam altíssima correlação com percepção de elevada coerência independentemente da língua escolhida.

É interessante indagar em seguida o porquê das repetições e sinônimos (nessa ordem) como subcategorias lexicais de mais alta correlação com coerência. A nossa intuição nos faria crer que os sinônimos, mais que as repetições, deveriam ser os mais influentes de acordo com as nossas lembranças escolares quando as repetições eram execradas e os sinônimos promovidos. A explicação parece residir em parte no fato de haver requisitos específicos do gênero, ou expectativas, as quais podem suplantam a preocupação estilística com repetição lexical, e em parte no fato da subcategoria 'repetição' não conter apenas termos morfologicamente idênticos. Por, exemplo, 'aprender', 'aprendeu' e 'aprendizagem' são todas instâncias de repetições lexicais na análise dos dados desta pesquisa. A reintrodução de termos 'repetidos' serve para afirmar, expandir, contrastar, comparar ou atribuir causa num esforço por lavar um ponto e ser convincente na argumentação.

O gênero expositivo faz das repetições uma necessidade a fim de sustentar um tópico em evolução e mantém os sinônimos como opção natural quando as repetições ameaçam aborrecer o leitor.

O desempenho dos conjuntivos nos dados obtidos reforça a idéia de que sejam eles uma propriedade importante da coerência na escrita (Witte e Faigley, 1981). Os conjuntivos servem para obviar e visibilizar a linha de pensamento (ou argumentação) no texto (Brodhead e Berlin, 1981) e para amarrar uma rede de segurança para os significados que o autor se esforça por construir. O fato de que os conjuntivos tenham uso restrito e pouco eficaz nos escritos em língua não-materna pode reforçar pesquisas anteriores que atribuem tais problemas a um conhecimento restrito de articuladores de texto e às relações lógicas associadas a cada um deles.

Finalmente, os tipos de coesão gramatical têm um papel menor no esforço por otimizar o nível de coerência. A substituição e a elipse têm uma função muito reduzida nesse aspecto. E com relação à coesão referencial, embora Witte e Faigley (1980) tenham observado o dobro de laços referenciais em escritos de maior avaliação do que nos de menor avaliação, a análise nesta pesquisa não contribui essa tendência quer na língua materna quer não-materna.

A rigor os resultados nas duas línguas não se contradizem, apenas são menos nítidos na língua não-materna em virtude de um controle menos firme dos recursos lingüísticos dessa língua.

Os resultados desses autores apontam para uma atuação forte das 'referências pessoais' o que não encontrou respaldo na presente análise de coesão. Assim, a dominância dos tipos de coesão lexical e conjuntiva (este em menor escala) sugere a importância do desenvolvimento do conteúdo (em comparação ao da forma) no processo de compor o discurso acadêmico expositivo.

Ao nível mais geral de análise, os textos mais densos em coesão não diferem significativamente em coerência dos textos com baixa densidade de coesão, re-

sultado esse em desacordo com a conclusão de Witte e Faigley (1980). Não é toda coesão que poderia ser indicadora de coerência mas uma combinação específica de tipos, subtipos, direção e distância que este trabalho apenas principia a apontar.

BIBLIOGRAFIA

- BERLIN, J.A. 1982. "Contemporary Composition: The Major Pedagogical Theories". College English, 44, 8, (765-777).
- BERNSTEIN, B.B. 1964. "Elaborated and Restricted Codes: Their Social Origins and Some Consequences". In The Ethnography of Communication, American Anthropologist, 66, nº 6, Part 2.
- BROADHEAD, G.J. and J.A. Berlin. 1981. "Twelve Steps to Using Generative Sentences and Sentence Combining in the Composition Classroom". College Composition and Communication. Vol. 32/3: (295-307).
- BROSTOFF, A. 1981. "Coherence: next to is not connected to". College Composition and Communication. Vol. 32/3 (278-294).
- BRUNER, J.S. 1975. "Language as an Instrument of Thought". In A. Davies (Ed) Problems of Language and Learning. London: Heinemann.
- CANALE, M. and M. Swain. 1980. "The Theoretical Bases of Communicative Approaches to Second Language Teaching and Testing". Applied Linguistics, I, 1 (1-47).
- CARREL, P.L. 1982. "Cohesion is not Coherence". TESOL Quarterly, 16, 4, (479-488).
- CHAROLLE, M. 1983. Coherence as a Principle in the Interpretation of Discourse. Text. Vol. 3-1, p.p. (71-97).
- DAHBY, M. 1984. "The Development of English Writing Skills by Moroccan University Students". Tese de doutoramento inédita apresentada à Universidade de Georgetown, Washington, D.C.
- DE BEAUGRANDE, R. and W. Dressler. 1981. Introduction to Text Linguistics. London: Longman.
- EMIG, J. 1971. The Composing Processes of Twelfth Graders. National Council of Teachers of English. Urbana: Ill.

- GAIES, S.J. 1980. "T-Unit Analysis in Second Language Research: Applications, Problems and Limitations." TESOL Quarterly, 14, 1, (53-60).
- HALLIDAY, M.A.K. and Hasan, R. 1976. Cohesion in English. London: Longman.
- HASAN, R. 1984. "Coherence and Cohesive Harmony". In James Flood, (Ed.) Understanding Reading Comprehension, International Reading Association, Newark, DL.
- HUNT, K.W. 1970. "Syntactic Maturity in School Children and Adults". Monographs of the Society for Research in Child Development, 35, 1 (serial nº 134).
- HYMES, D. 1970. "On Communicative Competence". In J. Gumperz and D. Hymes (Eds.) Directions in Sociolinguistics, Holt, Rinehart & Winston.
- HYMES, D. 1972. Models of the Interaction of Language and Social Life. In Gumperz and Hymes (Org.) Directions in Sociolinguistics. Holt and Rinehart.
- KINTSCH, W. and van Dijk, T.A. 1978. "Toward a Model for Text Comprehension and Production". Psychological Review, 85 (363-394).
- LANGLEBEN, M. 1982. "Latent Coherence, Contextual Meanings and the Interpretation of a Text". Text. Vol 2 (1-3), (279-313).
- MARASCUILO, L. and McSweeney, M. 1977. Nonparametric and Distribution-Free Methods for the Social Sciences. Monterey, California: Brooks Cole.
- MCCUTCHEN, D. and C.A. Perfetti. 1982. "Coherence and Connectedness in the Development of Discourse Production". Text. Vol. 2 (1-3), (113-139).
- MORGAN, J.L. and M.B. Sellner. 1980. "Discourse and Linguistic Theory". In Theoretical Issues in Reading Comprehension. Rand J. Spiro, Bertran C. Bruce, and William F. Brewer (Eds.) Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- ONG W.J. 1982. Orality and Literacy: The Technologizing of the Word. New Haven, Conn.: Yale University Press.
- SAMET, J. and R. Schank, 1984. "Coherence and Connectivity". Linguistics and Philosophy Vol. 7, nº 1 (57-82).
- SAS Institute Inc. 1983. SAS Introductory Guide. Revised Edition. Cary, NC: SAS Institute Inc..

- TANNEN, D. 1979. "What's in a Frame? Surface Evidence for Underlying Expectations". In R.O. Freedle (Ed.) New Directions in Discourse Processing: Advances in Discourse Processes. (137-181). Norwood, N.J. Ablex.
- TIERNEY, R.J., and J.H. Mosenthal. 1982. "The Cohesion Concept's Relationship to the Coherence of a Text". Technical Report nº 221, Center for the study of Reading. Champaign, IL.; University of Illinois.
- VAN DIJK, T.A. 1977. Text and Context: Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse. Longman.
- WITTE, S. and L. Faigley 1981. "Coherence, Cohesion and Writing Quality". College Composition and Communication, 32, (189-204).
- ZAMEL, V. 1983. "The Composing Processes of Advanced ESL Students: Six Case Studies". TESOL Quarterly 17/2 (165-187).